

PERCEPÇÕES DOS ALUNOS DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA SOBRE A GRADE CURRICULAR, AS COMPETÊNCIAS E O MERCADO DE TRABALHO

PERCEPTIONS OF STUDENTS OF THE BIBLIOTECONOMIC COURSE OF THE BRASILIA UNIVERSITY ON THE CURRICULAR GRADE, COMPETENCES AND THE LABOR MARKET

Lityz Ravel Hendrix^a

Maria Tereza Machado Teles Walter^b

RESUMO

Introdução: A pesquisa investigou as percepções dos alunos do curso de Biblioteconomia da Universidade de Brasília sobre a grade curricular, as competências e o mercado de trabalho. **Objetivo:** Verificar a percepção dos potenciais egressos do curso de Biblioteconomia da Universidade de Brasília-UnB, do segundo semestre de 2015 e do primeiro semestre de 2016, em relação à própria competência para ingresso no mercado de trabalho, à atualidade da grade curricular e também a opinião acerca das práticas pedagógicas dos docentes. **Metodologia:** Pesquisa descritiva, que utilizou a abordagem mista para tratamento dos dados quantitativos e qualitativos, com aplicação de questionário. **Resultados:** O grupo participante desta pesquisa é formado por uma maioria de mulheres, jovens, com faixa etária entre 21 e 25 anos e ano de ingresso em 2012. De acordo com esses alunos, faltam disciplinas de todas áreas relacionadas à Biblioteconomia, com ênfase na área social, aplicada e tecnológica. Acerca das competências profissionais, se avaliaram bons naquelas relacionadas à comunicação e expressão, às técnico-científicas, à social e às políticas e gerenciais, mas se perceberam como regulares na elaboração de produtos de informação e nas competências gerenciais em geral e em planejamento de políticas de conservação e preservação documental. **Conclusões:** Pelas respostas obtidas, concluiu-se que, na visão dos discentes, a grade curricular é um ponto a ser refletido e foi considerada generalista e superficial, além de defasada em relação ao que aprendiam nos estágios. No entanto, constataram que os professores apresentavam as novidades da área nas aulas. Além disso, para este grupo, o curso foi considerado teórico e as experiências nos estágios eram fundamentais para terem contato com o que havia de mais moderno no exercício profissional.

Descritores: Bibliotecário. Biblioteconomia - Currículo. Universidade de Brasília. Competência profissional. Formação profissional.

^a Graduada em Biblioteconomia pela Universidade de Brasília. E-mail: lityzhendrix@gmail.com

^b Doutora em Ciência da Informação e Documentação pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: terezaw@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Os desafios impostos pelas tecnologias da informação fazem com que as instituições de ensino superior adotem novas medidas e estratégias em seus programas educacionais direcionados para a formação de profissionais da informação (BARBOSA, 1998). Cunha (2009, p. 102) concorda que:

As mudanças tecnológicas e estruturais da Sociedade de Informação estão obrigando os profissionais da informação a redefinir seu lugar no mercado de trabalho. Ao mesmo tempo que as funções informacionais se tornam mais complexas e específicas esta tendência à especificidade não resultou no fortalecimento das profissões clássicas da informação – mas abriu possibilidades para especialistas de outras disciplinas.

Para que não se formem bibliotecários com educação defasada em relação às demandas do mercado de trabalho é necessária uma discussão relacionada ao conteúdo dos cursos, de modo que esse grupo ocupacional se mantenha competitivo e necessário para a sociedade.

Francisco Souza, em palestra proferida no XXXVII Encontro Nacional de Estudantes de Biblioteconomia e Documentação (ENEBD), em 2014, explicou que pelas discussões acerca de implantação de novas diretrizes curriculares nacionais e pela regularidade temporal pela qual foram criados os antigos currículos de Biblioteconomia (1962, primeiro currículo mínimo; 1982, o segundo, e 2002 as diretrizes curriculares nacionais), há o potencial de em 2022:

[...] implantar-se no Brasil uma nova estratégia de organização do ensino superior de Biblioteconomia. É olhando para esse movimento histórico e para essa regularidade temporal da atualização estrutural do ensino de Biblioteconomia no Brasil que pretendo refletir sobre o sentido da responsabilidade política a ser assumida pelo estudante de Biblioteconomia no que tange ao futuro (SOUZA, 2014, informação verbal¹).

Diante desse panorama, parece pertinente o questionamento acerca da formação dos novos profissionais, para que estejam aptos a enfrentar esses

¹ SOUZA, Francisco das Chagas de. A construção do bibliotecário brasileiro formado em nível superior: projeto do ano 2022. Palestra proferida no XXXVII Encontro Nacional de Estudantes de Biblioteconomia e Documentação (ENEBD), Brasília, Universidade de Brasília, 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/9hRKBd>>. Acesso em: 14 nov. 2015.

desafios, concorrências e acelerado processo de modernização tanto nas práticas profissionais, quanto nas formas e conteúdos das demandas dos usuários.

A presente pesquisa, então, resultado de TCC, identificou como problema de pesquisa: qual a percepção dos potenciais egressos do curso de Biblioteconomia da Universidade de Brasília, no período compreendido entre o segundo semestre de 2015 e o primeiro semestre de 2016, em relação às próprias competências para ingresso no mercado de trabalho. Procurou-se verificar, junto a esses estudantes, quais as suas opiniões acerca da grade curricular, das competências que adquiriram no processo de formação e de sua capacidade para ingresso no mercado de trabalho.

Na ocasião em que a pesquisa foi realizada, 2015, a amostra se constituiu a partir dos possíveis formandos do segundo semestre de 2015 e primeiro de 2016, pressupondo-se que a proximidade com a conclusão do curso significasse terem conhecimento da maioria das disciplinas. Incluíram-se, também, questões sobre os professores e de quanto o método de ensino adotado por eles havia estimulado os alunos a aprender e a se entusiasmar pela Biblioteconomia.

Na literatura técnica são comuns textos que tratam das novas tendências para o mercado biblioteconômico e de que os profissionais devem estar preparados para enfrentar mudanças, com implantação e desenvolvimento produtos e serviços utilizando as tecnologias de informação, que causam impacto na forma como trabalham (CASTRO, 2002; GUIMARÃES, 2002; VALENTIM, 2000; VALENTIM, 2002). Isso passa, necessariamente, pela formação profissional e pelos atores envolvidos, que são docentes, discentes, os conteúdos das disciplinas, as práticas pedagógicas e os estágios curriculares e extracurriculares.

As disciplinas cursadas na faculdade são, provavelmente, um fator de interferência no modo como os alunos se veem como profissionais e, em certa medida, a universidade deveria preparar o aluno para ser tanto um pesquisador quanto um técnico. Em suma, um bibliotecário que estivesse habilitado a pensar sobre o próprio trabalho e atuar de forma competente e eficiente e não apenas o que, em Brasília, pela quantidade e diversidade de órgãos públicos que

tradicionalmente oferece muitas vagas para este segmento, se denomina de “concurseiro”².

Nesse sentido, os objetivos da pesquisa foram: verificar se os alunos se sentem confiantes a disputar um espaço no mercado de trabalho, de acordo com os estudos adquiridos; levantar as opiniões dos estudantes sobre a grade curricular do curso de Biblioteconomia da UnB; e levantar as opiniões dos estudantes sobre as próprias competências de comunicação e expressão, técnico-científicas, gerenciais, social e política.

2 EMBASAMENTO TEÓRICO

Para fundamentar a pesquisa, a revisão de literatura incluiu um estudo sobre o curso de Biblioteconomia da UnB, com vigência a partir do segundo semestre de 2011 e um breve histórico sobre a formação do bibliotecário, incluindo-se questões sobre suas competências profissionais, em conformidade com VALENTIM (2002).

2.1 Curso de Biblioteconomia da UnB

O curso de Biblioteconomia da UnB está inserido na Faculdade de Ciência da Informação (FCI), que abriga, também, os cursos de Arquivologia e de Museologia, sendo objeto da pesquisa apenas o curso de Biblioteconomia, “[...] reconhecido pela portaria nº 064745, de 30 de junho de 1969.” (ALMEIDA, 2012, p. 113). De acordo com o *site* da Universidade³, é diurno, exige o mínimo de 180 créditos para um aluno se tornar um bibliotecário, sendo 90 créditos obrigatórios e os outros 90 podendo ser cursados entre as disciplinas complementares (56)⁴

² NA: “Concurseiro” é aquela pessoa que se dedica integralmente ao estudo de matérias específicas, conforme editais de concursos públicos.

³ UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. (Org.). Biblioteconomia: dados do curso. In: Matrícula Web, [S. l.], [2018]. Disponível em: <<https://goo.gl/KyAcqG>>. Acesso em: 2 abr. 2018.

⁴ NA: Valor de referência ilustrativa. O máximo de créditos para as disciplinas de módulo livre são 24, conforme informação retirada do site do Matrícula Web (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, op. cit., [2018]).

e as de módulo livre (24) o que dá liberdade ao aluno de delinear o seu próprio caminho e perfil na Universidade. Os limites mínimo e máximo de permanência – conceito apresentado pelo currículo mínimo de 1982 (SANTOS, 1998) –, são de 8 e 14 semestres, respectivamente.

As disciplinas obrigatórias incluem, em sua maior quantidade, técnicas biblioteconômicas e de planejamento, como por exemplo: Catalogação, Classificação, Indexação, Gerência de Sistemas de Informação, entre outras.

As disciplinas optativas são das mais variadas áreas, incluindo, Arquivologia, Museologia, Administração, Psicologia, Antropologia, entre outras. Mas alguns pontos devem ser destacados:

- São 36 disciplinas de introdução nesse grupo;
- Há mais ofertas de disciplinas optativas na área de linguística que de Biblioteconomia;
- Existem disciplinas, entre as optativas que embora possuam ementa, entre 2012 e 2015 nunca foram ofertadas. Este fato ocorre também com algumas matérias da FCI, como Paleografia, Métodos e Procedimentos Administrativos, Bibliotecas Brasileiras, Bibliografia Especializada 1 e 2;
- Há disciplinas que embora contenham a ementa, não são regularmente ofertadas, caso de Organização e Tratamento de Materiais Especiais (OTME), Biblioteconomia e Sociedade, também no âmbito da FCI;
- Percebe-se a falta de disciplinas optativas mais específicas, como se observa no currículo da Universidade Federal da Bahia (UFBA)⁵, que oferece, por exemplo, Bibliotecas Públicas e Escolares; e Bibliotecas Universitárias Especializadas;
- Há disciplinas que poderiam ter reserva de ofertas para os alunos de Biblioteconomia em outros departamentos, o que não ocorre, como é o caso da disciplina de Direitos Autorais oferecida na Faculdade de Direito, o que dificulta a matrícula, pela prioridade dada aos alunos do Direito em detrimento de interessados de outros cursos;

⁵ Lista de disciplinas optativas – Biblioteconomia e Documentação, UFBA. Disponível em: <<https://goo.gl/6ko5L1>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

- Existe ainda a opção de o aluno prestar horas em Atividade Complementar, que é uma nova iniciativa da Universidade de Brasília para o desenvolvimento do aprendizado, como ações dentro da própria universidade, como monitoria em disciplinas e Intercâmbio em outros países⁶;
- Outro detalhe é o nome da matéria ser divergente da ementa da disciplina, como Estatística Documentária (cód. 115118)⁷, por exemplo. Ao verificar a ementa, percebeu-se a mudança de nome da disciplina para Estatística Exploratória, de mesmo código.

Há, ainda, a questão das disputas pelas vagas por disciplinas optativas ou complementares que, por serem muito concorridas, dificilmente se consegue efetivar a matrícula, como por exemplo: Introdução ao Direito, Introdução às Ciências Sociais, Introdução à Psicologia, entre outras. Os conteúdos dessas matérias, na percepção dos alunos⁸, seriam importantes para complementação dos seus conhecimentos e aplicáveis no mercado de trabalho. Entretanto, como a Universidade tem mais de 43 mil alunos⁹ a possibilidade de efetivação da matrícula se reduz. Logo, para se formar, o aluno pode buscar disciplinas cujos conteúdos tenham uma aplicabilidade mais remota na sua vida profissional, apenas como complementação de quantidade de créditos.

Por fim, a estrutura curricular do curso de Biblioteconomia da UnB compreende também as disciplinas de módulo livre, de conteúdos que não têm relação direta com a área da Ciência da Informação e, geralmente, são indicadas ao aluno que queira diversificar a sua formação.

2.2 A formação do bibliotecário

Em 1985, Guedes dizia que pela grande variedade de campos de trabalho, o Brasil precisava de bibliotecários criativos e adaptáveis, que fossem

⁶ UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. (Org.). Oportunidades. In: **UnB**, Brasília, [2018]. Disponível em: <<https://goo.gl/kmu2XB>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

⁷ Informação disponível em: <<https://goo.gl/wBXoj4>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

⁸ NA: Informação em conversas informais entre os alunos ao longo do curso de Biblioteconomia da UnB.

⁹ Dados referentes ao ano de 2016. UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. (Org.). Gráfico 2.10 – Número de alunos em tempo integral (x1000) – 2008-2016. In: _____. **Relatório de Gestão 2016**. Brasília: UnB, 2017. p. 80. Disponível em: <<https://goo.gl/8Qf4i3>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

provedores de informação para qualquer finalidade. O fenômeno da globalização em todos os campos e o avanço das tecnologias de informação não somente confirmou o que preconizava Guedes (1985), mas, conforme Silva e Cunha (2002), confirmando o autor com relação à questão da criatividade, requereu, também, que os bibliotecários investissem na capacitação permanente, de forma que se mantivessem competitivos, frente aos desafios da profissão.

Apesar de os textos terem sido escritos há muitos anos, pode-se ponderar que o bibliotecário ainda é um profissional importante para facilitar o acesso à informação para aqueles que dela necessitem. Portanto, parece que as recomendações são relevantes para aqueles que desejem mediar a informação e o conhecimento de forma competente, considerando que a despeito das mudanças ocorridas na profissão,

O bibliotecário [ainda] é o profissional que capta, seleciona, reúne, organiza e dissemina o conhecimento - registrado em materiais bibliográficos e multimeios, e a informação não processada - com vistas a facilitar o acesso do usuário à informação adequada às suas necessidades e gostos, por sistemas estruturados e/ou informais (GUEDES, 1985, p. 160).

Para Walter (2005), a evolução da área passou de Biblioteconomia e trabalho fundamentalmente ligado aos suportes em papel, para Ciência de Informação, com espectro de atuação amplificado e maciço uso das tecnologias da informação, o que foi outro aspecto determinante na formação dos bibliotecários.

Há mais de 30 anos, a autora Anna da Soledade Vieira (1983) pensava que apesar das mudanças de nomenclaturas em relação à profissão, o que se percebeu foi uma fossilização no ensino, e que não havia mais lugar para novos conhecimentos, novas atitudes. Conforme a autora,

No seu conteúdo tradicional e "avançado", Biblioteconomia tem sido considerada uma técnica social, voltada para o tratamento dos suportes materiais da informação. (O social, entretanto, qualifica a técnica apenas na teoria e não de fato) (VIEIRA, 1983, p. 82).

Apesar de tanto tempo decorrido de seu texto, parece que suas afirmações ainda podem ser consideradas relevantes e espelham, de alguma forma, o que se debate sobre o ensino de Biblioteconomia (SOUZA, 2014).

Não obstante, a discussão sobre a formação que possa preparar o aluno para o mercado de trabalho perpassa pela definição de funções básicas que o bibliotecário deve exercer. Mueller, em 1989 (p. 69), dizia que uma estrutura que permitisse a preparação em vários níveis era indispensável “[...] devendo ser considerada seriamente pelos responsáveis pela formação de bibliotecários.”

Em complementação à ideia da autora, a Associação Brasileira de Profissionais da Informação (ABRAINFO), 25 anos depois, em 2014, entendeu que o curso deveria listar com clareza as disciplinas núcleo da área e que as diferentes demandas específicas deveriam ser tratadas como especializações, realizadas após a formação básica, bem como uma formação mista, com especificidades em várias áreas.

Outra possibilidade vincula-se à maior oferta de disciplinas optativas abordando diferentes áreas do conhecimento (tecnológica, social etc.). Ainda dentro de trilhas alternativas, podemos incluir uma revisão curricular mais dinâmica, constante e frequente. De igual maneira, os cursos devem potencializar a autonomia dos alunos, transformando-os em corresponsáveis por sua formação (ASSOCIAÇÃO..., 2014).

E concluiu que alguns problemas deveriam ser superados com um trabalho conjunto e harmônico no curso, pensando-se num novo modelo formativo para os alunos. De todo modo, prevalece a necessidade de o bibliotecário ter, em seu processo de formação, conteúdos que respondam aos requisitos de competência que permitam sua inserção no mercado de trabalho globalizado, tecnológico e competitivo.

2.3 Competência do bibliotecário

Conforme já alertava Cunha em 2003, as transformações que estão acontecendo na profissão e nas bibliotecas têm relação com o uso das tecnologias de informação e de comunicação, que representam um desafio sem precedentes (CUNHA, 2003). O mundo globalizado, que derrubou os muros existentes de comunicação do conhecimento entre Países, exige profissionais cada vez mais qualificados, com habilidades para a tomada de decisões e que tenham um bom relacionamento com os demais perfis profissionais.

Recuando mais ainda no tempo, Tomaél e Alvarenga (2000) atentavam para a importância de o bibliotecário ter habilidades para apoiar outros profissionais nas necessidades informacionais em um curto espaço de tempo.

O profissional [...] precisa entrar em sintonia com as transformações do mundo contemporâneo, principalmente no que se refere à tecnologia. É imprescindível que os cursos de graduação, responsáveis pela formação deste profissional, estejam preparados e em consonância com o exercício profissional no mercado de trabalho (TOMAÉL; ALVARENGA, 2000, p. 84).

Sobre competências e habilidades que os bibliotecários deveriam possuir, em 2003 a *Special Libraries Association* (SLA) elaborou um estudo em que definiu que entre as principais competências que os bibliotecários do século XXI deveriam possuir estavam: o conhecimento profundo em recursos informacionais impressos e eletrônicos e a capacidade de desenvolver e administrar serviços de informação que atendessem às necessidades de grupos de usuários (SPECIAL...,2003). De forma a exercer esses papéis e atuar como um gestor de recursos informacionais, o relatório apontou três tipos principais de competências: profissionais, pessoais e essenciais.

As competências profissionais se relacionam com o conhecimento do bibliotecário de recursos de informação, acesso, tecnologia e gestão, e a capacidade de usar esse conhecimento como base para fornecer os melhores serviços de informação. As competências pessoais, por sua vez, representam um conjunto de atitudes, habilidades e valores que permitem que os profissionais trabalhem de forma eficaz e contribuam positivamente para as suas organizações, clientes e profissão. As essenciais, segundo a SLA, devem compreender o valor de desenvolver e partilhar os seus conhecimentos, por meio de redes de associação e de realização e compartilhamento de pesquisas em congressos e acordo de colaboração de todos os tipos (SPECIAL...,2003).

Le Coadic (1996, p. 106), tratando da diversidade de atividades exercidas por profissionais da informação, incluiu:

- avaliar, planejar, vender e implantar locais de comunicação de informação em instituições;
- implantar programas de gerenciamento de informação e de informatização de unidade de informação, bem como administrá-

las (bibliotecas, museus, arquivos, centros de documentação etc.);

- preparar, resumir e editar informações de natureza científica e técnica;
- editar revistas científicas; e
- organizar (adquirir, registrar, recuperar) e distribuir informação em sua forma original ou como produtos elaborados a partir dela.

Ainda que algumas delas tenham modificado a forma de realização, pode-se considerar que esse conjunto ainda faz parte do elenco de atividades que os profissionais da informação/bibliotecários realizam.

Valentim (2002, p. 122-123), citando o *IV Encuentro de Directores de Escuelas de Bibliotecología y Ciência de La Información Del Mercosur*, realizado em 2000 em Montevideu, Uruguai, define competência como

[...] o conjunto de habilidades, destrezas, atitudes e de conhecimentos teórico-práticos necessários para cumprir uma função especializada de um modo socialmente reconhecível e aceitável [...] que um profissional [...] precisa contar, para cumprir as atividades especializadas.

No mesmo sentido, concordam, Fialho *et al.* (2010, p. 95) que definem competência como uma “[...] combinação de conhecimentos, habilidades e características pessoais que resultam em atitudes e ações que podem ser observados e analisados.” Por conseguinte, o profissional, embasado em atitudes e decisões tomadas no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação, executa ações que possivelmente são avaliadas por seus colegas de profissão, bem como pelos seus usuários. Fialho *et al.* (2010) elencam as diversas categorias de competências profissionais, a saber: as competências técnicas, as intelectuais, as cognitivas, as relacionais, as sociais e políticas, as didático-pedagógicas, as metodológicas, as de liderança e empresariais e as organizacionais.

Para Castro Filho *et al.* (2011) o entendimento do conceito de competências do bibliotecário engloba todas as categorias de competências profissionais supracitadas, estando inter-relacionadas, uma vez que são dependentes. "Essas competências são indissociáveis e representam a capacidade de atuação do profissional no mercado de trabalho" (CASTRO FILHO *et al.*, 2011, p. 9). Ainda afirma o autor que o levantamento de

competências envolve as cognitivas, operativas e pessoais que o profissional tem que possuir para desempenhar seu trabalho de forma eficaz.

Miranda (2007) afirmou que o bibliotecário deve ter formação adequada para estar inserido no contexto da informação e conhecimento das tecnologias disponíveis. A autora sugeriu o estudo das competências nas dimensões: saber (conhecimento), saber-fazer (habilidade), saber-agir (atitudes).

De maneira genérica, percebe-se que o conceito de competências se refere ao conjunto de habilidades, seus níveis de relação e aplicação nos diferentes âmbitos da vida profissional ou social, que se expressa por meio das experiências de vida que cada profissional possui, produzindo um saber fazer consciente (FARIA, 2015).

Retomando o *IV Encuentro de Directores de Escuelas de Bibliotecología y Ciencia de La Información Del Mercosur*, então, citado anteriormente, foram definidas várias competências para o profissional da informação, distribuídas em quatro categorias: as de comunicação e expressão; as técnico-científicas; as gerenciais e; as sociais e políticas (VALENTIM, 2002).

As competências de comunicação e expressão relacionam-se com a habilidade do bibliotecário na divulgação do seu trabalho, na disseminação seletiva da informação, ou pela orientação do usuário na utilização dos serviços da biblioteca. As técnico-científicas estão relacionadas às ferramentas que o bibliotecário deve saber manejar para processar a informação em qualquer suporte. As gerenciais relacionam-se com a habilidade do bibliotecário em gerir uma unidade de informação, incluindo o acervo e os recursos materiais, financeiros e o corpo técnico. As sociais e políticas requerem que o bibliotecário saiba avaliar qualquer tipo de informação e analisar quais se incorporam à missão da Biblioteca.

Além disso, o bibliotecário deverá ter uma relação aberta com os diversos atores sociais e ser atuante no que tange à resolução de problemas sociais no meio em que a instituição está inserida.

Resumindo, de acordo com Borges (2004), as competências que um bibliotecário necessita ter incluem uma formação teórica consistente, embasada em conceitos, teorias e metodologias; ter uma abordagem econômica direcionada à

eficiência e lucratividade nos serviços públicos, à geração de recursos e voltada para clientes – no caso, os usuários; bem como ser um profissional atento às novas tendências do mundo, se especializando e se qualificando adequadamente; com a capacidade de trabalhar em equipe, somado à formação que inclui a educação continuada e o aprendizado autônomo.

3 METODOLOGIA

A pesquisa caracterizou-se como natureza descritiva. Conforme Triviños (1987 *apud* SILVEIRA; CÓRDONA, 2009, p. 35), “[...] exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade.” Do ponto de vista da análise dos dados foi utilizada abordagem mista, em razão de haver dados quantitativos e qualitativos.

A fase da análise e interpretação dos dados em uma pesquisa constitui uma tarefa complexa, por envolver aspectos éticos, emocionais, subjetivos e técnicos, entre outros. De acordo com Minayo (1996, p. 197) a análise de dados busca atingir três objetivos:

[...] compreender em profundidade os conteúdos, sentidos e estruturas contidos nos dados; compreender os dados na relação com o meio social; e buscar a validade do que é percebido. Como maior dificuldade e desafio, procura ultrapassar o nível aparente dos dados e alcançar a compreensão mais profunda de seus significados.

Os dados quantitativos, coletados por meio de questionário, foram analisados utilizando frequência simples, sem cruzamento de variáveis. Para os dados qualitativos, adotou-se a técnica de análise de conteúdo de Bardin (2004, p. 42) que consiste em

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

A análise de conteúdo agrupa as ideias semelhantes, de forma a possibilitar identificar o alinhamento das opiniões do grupo pesquisado ou as diferenças de respostas para as questões propostas, utilizando palavras-chave sobre o tema.

No âmbito desta pesquisa entende-se que estes tipos de análises são mais adequados para um levantamento de dados com respostas abertas e fechadas (CRESWELL, 2010).

Adotou-se o conceito de competência apresentado por Valentim (2002, p. 122-123) que compreende

[...] o conjunto de habilidades, destrezas, atitudes e de conhecimentos teórico-práticos necessários para cumprir uma função especializada de um modo socialmente reconhecível e aceitável [...] que um profissional [...] precisa contar, para cumprir as atividades especializadas.

A última seção do questionário focalizou as competências dos futuros egressos de acordo com a divisão proposta por Valentim (2000) e utilizada por Faria (2015): comunicação e expressão; técnico-científico; gerenciais; sociais e políticas do bibliotecário. Outros dados coletados foram sobre habilidades e foi solicitada a avaliação dos professores e dos colegas dos futuros egressos do curso de Biblioteconomia da UnB.

Conforme dito anteriormente, esta pesquisa foi realizada na Universidade de Brasília, em 2015, com os potenciais formandos do segundo semestre de 2015 e primeiro semestre de 2016, devido à facilidade de acesso para o pesquisador, podendo a informação ser obtida com maior rapidez. Partiu-se do pressupondo que o fato de estarem concluindo o curso os habilitava a opinar sobre as disciplinas cursadas e sobre a própria e iminente capacidade de ingressarem no mercado de trabalho, de acordo com a formação recebida, avaliando também questões relacionadas tanto ao corpo docente e suas práticas pedagógicas, quanto aos colegas, com relação à atitude diante do curso.

À época da pesquisa, então, a Secretaria de Administração Acadêmica (SAA) da FCI/UnB informou que o grupo que potencialmente se formaria entre o segundo semestre de 2015 e o primeiro semestre de 2016 contava com 35 alunos, público alvo inicial. Entretanto, o grupo que respondeu contabilizou 15 participantes, ou seja, 42% da população total definida para esse trabalho. Foi

informado ao secretário do SAA que os dados seriam apenas para o uso acadêmico, respeitando-se o sigilo das informações destes alunos.

Sobre o instrumento de coleta de dados, foi utilizado o questionário que constitui “[...] uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 184), composto de 15 perguntas fechadas e 4 perguntas abertas.

A elaboração das perguntas baseou-se na literatura técnica e também foi fundamentado no trabalho de Faria (2015, p. 19) que teve o objetivo de “[...] identificar as competências necessárias e os fatores que influenciaram a inserção dos bibliotecários, formados no período compreendido entre os anos de 2010 e 2014 nas universidades públicas da região sudeste.”

Utilizou-se a Escala de Likert para atribuir o grau de importância a cada afirmativa proposta, medindo atitudes e comportamentos, com opções de resposta que variaram de um extremo a outro, descobrindo assim, níveis de opinião dos respondentes. Segundo Vieira (2009, p. 75) nesse tipo de escala, os sujeitos assinalam cada item de uma categoria e esse item recebe um valor de zero (discordo completamente) a três (concordo plenamente), nos extremos da escala e 1 (discordo um pouco) e 2 (concordo um pouco), para os valores intermediários.

Dois pré-testes foram realizados, sendo o primeiro no início de setembro de 2015 com um estudante de Biblioteconomia do último período da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e com um bibliotecário formado no semestre anterior à pesquisa. O objetivo deste pré-teste era avaliar o próprio instrumento, se as afirmativas estavam compreensíveis e se havia alguma outra sugestão de tópico a ser incluído. Foram sugeridas mudanças em alguns termos e nos valores de algumas perguntas a fim de facilitar o entendimento dos respondentes. As alterações foram feitas e o segundo pré-teste ocorreu com futuros egressos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, com o objetivo de avaliar, pelas respostas obtidas, se de fato o questionário conseguiria coletar as informações necessárias para responder aos objetivos da pesquisa. Não houve dúvida nem sugestões de alteração por

parte dos respondentes, as respostas foram claras e atendiam aos propósitos, então o questionário foi divulgado dois dias após a aplicação do primeiro pré-teste para os potenciais formandos à época.

O questionário foi criado por meio da ferramenta *on-line Google Forms*, do provedor *Google Drive*¹⁰. Para convidar os participantes, foi inserido um *link* no grupo fechado do *Facebook* “Biblioteconomia UnB”, assim como foi utilizado o contato do pesquisador com os futuros egressos no *WhatsApp*, e enviado um *e-mail* para os demais. O questionário ficou aberto para resposta de 23 de outubro até 6 de novembro de 2015 e após as sucessivas tentativas de obter mais respostas foi encerrado. Alguns alunos comentaram que acharam o questionário longo e supõe-se que estão entre os não respondentes. Esse dado é interessante, pois em nenhum dos pré-testes aplicados os respondentes levantaram essa questão.

4 ANÁLISE DE DADOS

Os dados desta pesquisa referem-se apenas à população estudada e não refletem o retrato de estudantes em fase de finalização do curso em outras universidades do País, nem mesmo da região Centro-Oeste e não podem ser extrapolados, pois a amostra não foi probabilística. Foram coletados por meio da aplicação de questionário, dividido em três seções, e tabulados utilizando o *Google Forms*: 1) Seção I - Identificação: idade, gênero e ano de ingresso no curso; 2) Seção II - Formação profissional: nível de formação adquirido, o estágio extracurricular/curricular, motivo pelo qual ingressou no curso; 3) Seção III - Competências: competências de comunicação e expressão; técnico científicas; gerenciais; sociais e políticas.

Para maior facilidade de análise e não identificação dos participantes da pesquisa, os questionários foram numerados como “Respondente 1” até “Respondente 15”.

¹⁰ NA: Google Forms. Disponível em: <<https://goo.gl/4c2WiK>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

Com relação ao item 1, Identificação, o resultado da pesquisa mostrou que 13 (86,7%) respondentes eram do sexo feminino e 2 (13,3%) do sexo masculino. A maioria de mulheres refletiu um dado percebido intuitivamente pelas pessoas quando afirmam que a profissão tem predominância feminina, confirmado quando são resgatados os dados obtidos por Baptista (1998) – 94,9%; Walter (2008) – 88%, que igualmente constataram que a maior parte de bibliotecários dessas pesquisas era do sexo feminino.

A resposta evidenciou que a maioria, 11 (73,3%) respondentes, eram jovens¹¹ e situavam-se na faixa compreendida entre 21 e 25 anos. Observou-se também a coincidência de alunos com a faixa etária até 20 e de 26 a 30 anos, com 2 (13,3%) em cada uma delas. Verificou-se, também, que os estudantes que ingressaram na Universidade em 2012 tiveram maior incidência (10 - 66,7%), o que se compreende, devido à duração do curso de 4 anos. Isso significa que eles estavam formando no período normal, sem problemas de atrasos.

Chamam a atenção dois fatos: o primeiro, de um estudante que levaria sete/oito anos para se formar - que entrou em 2009; segundo outro estudante que levaria dois/três anos para se formar – que ingressou em 2013 no curso. Embora não tenha sido perguntado, para o primeiro caso, algumas razões podem ser levantadas, como, por exemplo, trancamento de disciplinas ou semestres, reprovações em disciplinas ou greves que podem ter contribuído para o maior tempo de permanência na universidade. Para o segundo caso, uma razão pode ser que o aluno aproveitou créditos de outros cursos –, o que o levaria a se formar antes. Mas igualmente, como não foi perguntado, não se pôde afirmar que a razão tenha sido efetivamente esta.

No item 2, formação profissional, os dados eram relacionados com a formação acadêmica do grupo pesquisado, como se deu o ingresso no curso, de que maneira analisavam a metodologia dos professores e as disciplinas ofertadas no curso de Biblioteconomia, o nível de satisfação com o curso e se o indicariam para outras pessoas.

¹¹ NA: Jovem, de acordo com a definição adotada pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas, em 1985, no Ano Internacional da Juventude, compreende as pessoas entre 15 e 24 anos. (BARRIENTOS-PARRA, 2004, p. 133).

Na pesquisa, foi perguntado se a escolha do curso de Biblioteconomia foi a primeira opção de carreira profissional. A maior parte dos respondentes (60%) não escolheu o curso como primeira opção

Outra pergunta do questionário visava identificar as razões da escolha de Biblioteconomia como carreira profissional, cujos resultados apontaram que a indicação de parentes (6 – 40%) e o gosto da leitura (5 – 33,3%) foram os itens que motivaram os alunos a ingressarem no curso. Com relação ao gosto pela leitura, este dado é comparável à pesquisa de Walter (2008, p. 186) cujos respondentes, bibliotecários formados, também indicaram majoritariamente este item como motivação da escolha da carreira.

Para os que não escolheram Biblioteconomia como primeira opção de carreira, foi feita a pergunta aberta: “Por que decidiu prosseguir no curso de Biblioteconomia?”. As respostas foram variadas com destaque para “mercado de trabalho”. Como indica o Respondente 6, que sintetizou: “Pelos oportunidades de trabalho”. Outros motivos foram apontados, como, por exemplo, “Por ‘medo de me arriscar’ em Publicidade pois li a respeito em vários lugares que o mercado de Publicidade estava saturado [...]” (Respondente 13). Outra razão foi o gosto pelo curso, conforme outro participante, “[...] porque acabei gostando [...]” (Respondente 2). Concordando com este, o respondente 12 disse: “Por gosto pela área [...]”, complementado pelo Respondente 3:

Porque depois que conheci o que era de fato o curso, especificamente no 3º semestre, me interessei pelo aspecto interdisciplinar que possibilita trabalhar em diferentes frentes de trabalho.

Entre as afirmativas do questionário, que tinham por objetivo verificar a opinião dos alunos sobre o curso de Biblioteconomia, sobre os colegas e sobre eles mesmos, ressalta-se que com relação à afirmativa “Me entusiasmei com a profissão”, a razão pela qual os estudantes não desistiram do curso, apontado por 8 (53,3%) deles. Considerando-se os discursos dos alunos na questão aberta sobre a permanência no curso, aparentemente o conhecimento adquirido na faculdade, em disciplinas mais específicas e técnicas, além da vivência nos estágios parecem ter influenciado os alunos para prosseguirem na carreira.

Quando se colocou a questão se recomendaria aos jovens, em fase de escolha, seguir a carreira de bibliotecário, nove respondentes (60%) concordaram totalmente, o que pode significar uma divulgação positiva para jovens que em muitos casos não têm noção sobre uma futura profissão, entre outras razões, pelo próprio desconhecimento do curso.

A pergunta seguinte tinha intenção de verificar se os respondentes faziam ou fizeram estágio extracurricular. Todos responderam que sim, a maioria 13 (86,7%) dos respondentes, indicou as bibliotecas especializadas de órgãos públicos e com relação aos outros dois (13,3%), um respondeu que fazia estágio em biblioteca especializada em instituição privada e o outro que não estagiava em biblioteca. Esse dado confirma o que Valentim (2000) explica acerca do mercado informacional tradicional que absorve a maior parte dos bibliotecários, neste caso estagiavam. De todo modo, isso pode indicar uma tendência de direcionamento profissional, mesmo na fase de formação.

Verificou-se uma heterogeneidade de setores onde os respondentes estagiavam, tornando a pesquisa mais interessante devido à diversidade das visões em relação às suas competências, habilidades, e quais atitudes desenvolveram. Percebeu-se, também, que os setores de referência e de biblioteca digital (respectivamente 4, 26,7% e 3, 20%), foram os locais de estágio da maioria dos respondentes.

Fazendo um paralelo com o currículo do curso de Biblioteconomia da UnB à época, identificava-se que “serviço de referência” era uma disciplina obrigatória do curso. Entretanto, não existia uma disciplina obrigatória específica para estudo das bibliotecas digitais. As disciplinas que poderiam ser consideradas mais próximas de incluir este conteúdo, na FCI/UnB, seriam as de Planejamento e Elaboração de Bases de Dados e a de Introdução à Microinformática. Considerando-se a evolução e a inserção das tecnologias de informação nos serviços da Biblioteca nas últimas décadas (final do século XX, início do século XXI), como citado por Castro (2000, p. 10), que os currículos eram “[...] voltados mais para as técnicas tradicionais mais do que para gestão de sistemas de informação e tratamento de informação, independentemente do seu suporte

físico [...]”, seria interessante pensar sobre a inclusão de uma disciplina específica sobre bibliotecas digitais. Observava-se, quando da realização da pesquisa, que houve pouca alteração desde então.

Prosseguindo na análise do currículo, foram feitas afirmativas para identificar a visão dos então futuros egressos com relação à grade curricular do curso, sobre a metodologia das aulas e a percepção acerca das próprias competências para o ingresso no mercado de trabalho.

Com relação à suficiência da grade curricular para o ingresso no mercado de trabalho, 80% discordaram, destacando-se que 2 (13,3%) respondentes indicaram apenas concordar parcialmente com a questão. Ressaltando sempre que não se pode extrapolar os dados, pois a amostra não foi probabilística, chamou a atenção que uma maioria tão expressiva dos respondentes, 13 (86,7%), não tenha se considerado preparada, o que no mínimo, faz pensar sobre as disciplinas e seus conteúdos.

Com relação aos conteúdos das disciplinas, então, foi perguntado se eram muito teóricos e sem aplicação prática, e se contribuiriam na inserção no mercado, tendo a maioria dos respondentes, 11 (73,3%), concordado total e parcialmente com a afirmativa. Vale ressaltar que as disciplinas de Estágio Supervisionado I e II eram oferecidas justamente para os alunos terem a oportunidade de realizar de forma prática, a teoria ensinada nas disciplinas.

Com relação a se cursar disciplinas optativas de áreas específicas na Universidade favoreceria a inserção no mercado de trabalho, houve um equilíbrio entre as respostas, com 5 respondentes (33,3%) discordando parcialmente da afirmativa, 4 (26,7%) não concordando nem discordando e 4 (26,7%) concordando parcialmente. Apenas 2 (13,3%) discordaram totalmente da afirmativa. O objetivo era verificar se os alunos percebiam a influência de uma graduação diversificada no exercício futuro na profissão, mas dada a incerteza das respostas, esse ponto ficou inconcluso. Essa resposta, associada ao ambiente em que majoritariamente fazem estágio, seções de referência e de biblioteca digital, talvez tenha influenciado a opinião. Ainda que não existam disciplinas específicas que tratem de biblioteca digital, esse é um segmento mais próximo

da formação dos bibliotecários. Pode-se pensar que se os estudantes tivessem passado por alguma experiência diferente nas unidades de informação que estagiaram, isso despertasse o interesse pela diversidade de conhecimento, o que parece não ter acontecido.

Quando se questionou o fato das disciplinas estarem defasadas com a realidade dos estágios extracurriculares, houve uma incidência maior na opção “concordo totalmente” e “concordo parcialmente” com, respectivamente, 6 (40%) e 4 (26,7%) de respostas. Ressalta-se que nenhum respondente discordou totalmente desta afirmativa, o que talvez possa ser considerado importante quando da discussão de mudanças no currículo vigente. O fato de a maioria dos estudantes ter considerado a grade curricular defasada e as disciplinas muito teóricas, parece indicar algum nível de incerteza com relação aos próprios conhecimentos para enfrentar os desafios que teriam para ingressar no mercado de trabalho.

Voltando à questão da grade curricular, foi perguntado se puderam escolher disciplinas em áreas com as quais tinham mais afinidade, entre as optativas e de módulo livre e 9 (60%) respondentes concordaram plenamente ou parcialmente com a questão. Talvez pela forma como estava estruturado, o currículo de Biblioteconomia da UnB, com a possibilidade de cursar disciplinas optativas e de módulo livre, isso favorecesse uma liberdade de escolha de assuntos ou disciplinas além da própria Ciência da Informação, ou seja, o aluno podia moldar a sua formação de acordo com a área com a qual tivesse mais afinidade.

A segunda parte deste bloco também foi direcionada à grade curricular do curso, para verificar se os alunos percebiam a falta de disciplinas das áreas: social, técnica, tecnológica e gerencial. Esta análise se baseou no que citaram Oliveira, Carvalho e Silva (2009) sobre a generalização da grade curricular de Biblioteconomia.

Percebeu-se que a quantidade de respondentes que sentiam a falta de disciplinas das áreas social, técnica e tecnológica era bastante grande, com 9 (60%), 10 (66,7%) e 11 (73,3%) respectivamente, dos entrevistados assinalando “concordo plenamente” na afirmativa. No entanto, na afirmativa de que faltam disciplinas de cunho gerencial, a incerteza se mostrou novamente, talvez por

serem estudantes e não exercerem papéis de liderança em seus estágios. Entretanto, os números mostraram que a maior porcentagem concordava com a questão, o que podia indicar que havia a preocupação deles em conhecer aspectos de gerência de unidades de informação, papel que eles poderiam vir a desempenhar futuramente nos ambientes de trabalho.

Em linhas gerais, com base nas respostas obtidas, percebeu-se que para os respondentes:

- a grade curricular não os deixava seguros para enfrentar o mercado de trabalho;
- como o currículo de Biblioteconomia na UnB oferecia um leque de disciplinas optativas a serem cursadas, os alunos poderiam moldar a formação acadêmica, o que poderia ser um facilitador para inserção no mercado de trabalho;
- os alunos indicaram que sentiam falta de disciplinas nas áreas técnica, social e tecnológica.

Sobre a opinião dos alunos acerca da prática pedagógica dos professores em sala de aula, há que se fazer um paralelo entre os resultados da pesquisa-e o que foi dito por Lemos (1973), Vieira (1983) e Milanesi (2002) em relação a este tema:

- os professores, na percepção dos respondentes, mas ao contrário do que colocaram os autores, traziam as principais novidades para a sala de aula, de acordo com oito respondentes (53,3%), que assinalaram “concordo parcialmente” com a afirmativa. Porém, não foram todos que tiveram essa percepção, já que cinco respondentes (33,3%) indicaram discordar parcialmente dessa afirmativa.
- outro ponto foi que as práticas pedagógicas dos professores não faziam nove respondentes (60%) se interessarem pelas aulas. Talvez estes alunos se encontrassem entre os mesmos nove respondentes (60%) que indicaram serem desmotivados para assistir às aulas;

➤ é interessante observar que apesar de as práticas pedagógicas dos professores não motivarem os alunos a se interessarem pelas aulas, 8 respondentes (53%) reconheceram que a metodologia utilizada pelos docentes os tornou críticos diante da realidade vivida na área, o que parece paradoxal;

➤ com relação à pergunta sobre as disciplinas terem consonância com as realidades dos estágios, parte dos respondentes discordaram da afirmativa, dividindo-se entre “discordo parcialmente” e “discordo totalmente” (53,4%) e “concordo parcialmente” (46,7%). Vale lembrar o dado anteriormente apresentado de que eles também haviam concordado de que a realidade dos estágios era diferente do que era ensinado nas aulas, tendo uma coerência entre as duas questões;

➤ por último, observou-se que a maioria dos respondentes se posicionou de maneira positiva ou negativa em relação às afirmativas de modo geral, poucos tendo marcado a opção neutra – nem concordavam nem discordavam.

Na pergunta aberta, “De acordo com a formação acadêmica adquirida até o momento, explique por que você se sente, ou não, preparado para ingressar no mercado de trabalho?”, a maioria dos participantes respondeu que não se sentia preparada para o mercado de trabalho, e os que se sentiam preparados era devido à experiência vivida nos estágios e não ao curso feito. Essa afirmação é ilustrada pelo depoimento do Respondente 2 que disse se sentir mais preparado: “[...] pela experiência adquirida nos estágios não obrigatórios”, ou pelo Respondente 13, que explicou porquê somente se sentiu preparado após iniciar o estágio remunerado: “[...] acho o curso de Biblioteconomia muito teórico [...]”, e o Respondente 3 complementou dizendo que:

[...] minhas experiências nos estágios curriculares e extracurriculares me proporcionaram uma visão holística de como é a realidade fora da Universidade, isto é, como é a Biblioteconomia na prática e qual postura profissional eu preciso ter para exercer a profissão (Respondente 3).

O Respondente 8 explicou que se sentia preparado por causa do estágio que começou no segundo semestre, considerando que ao invés do curso dar os

insumos necessários ao estágio, que é o complemento do estudo da Faculdade, aconteceu o contrário, o estágio que apoiou o ensino na Faculdade.

Sobre o conteúdo das disciplinas, os respondentes foram muito contundentes ao avaliar que o curso estava defasado em relação aos estágios extracurriculares. Uns explicaram que as demandas estavam voltadas à tecnologia da informação e áreas afins, e que precisariam fazer um curso à parte para se qualificarem; outros que sentiam falta do conhecimento das teorias e das fontes de informação. Eles perceberam que o enfoque do mercado não estava centrado apenas no trabalho com livros e periódicos em papel, mas sim na informação registrada, independente do suporte, visão esta que se coaduna com o que dizem Baptista (2000), Castro (2000), Milanese (2002) e Valentim (2002).

Assim explicou o Respondente 9:

O curso precisa de uma reformulação de currículo, as disciplinas obrigatórias estão defasadas, não tem matérias direcionadas para a área de tecnologia e direto autoral, por exemplo; faltam matérias de cunho social e profissional; não se tem muitas opções de disciplinas optativas mais direcionadas para o curso, como bibliografia brasileira, CDD, CDU, catalogação de materiais especiais, etc., o que prejudica a formação dos novos profissionais.

O Respondente 15 complementou essa ideia dizendo que o curso se mostrava generalista e superficial demais: “Competências que deveriam ser trabalhadas durante o curso foram pouco ou superficialmente desenvolvidas, talvez pela falta de professores, por exemplo.”

A falta de professores foi apontada pelos respondentes, como uma das causas de o curso estar superficial e generalista, como explicou o Respondente 7:

O currículo de graduação do curso de Biblioteconomia é **extremamente superficial e já não conta com profissionais qualificados dando aula**. Encontramos professores especializados em TI dando aula de epistemologia. IBCI¹², por exemplo, tem alto número de rotatividade porque atualmente não existe nenhum (a) professor (a) que esteja preparado para

¹² NA: IBCI: Introdução à Biblioteconomia e Ciência da Informação.

lecioná-la. **OTI¹³ e Infodoc¹⁴ são disciplinas que são ministradas de tal forma que os estudantes a fazem apenas quando não têm outra opção.** Minha formação acadêmica não me preparou para o MUNDO do trabalho e muito menos para entrar no universo da pesquisa. O estágio extracurricular e os Congressos deixaram isso claro em diversos momentos, que a FCI-UnB sobrevive de um passado de profissionais que já se foram e posturas que na época eram revolucionárias e hoje se mostram conservadoras. (grifo nosso).

A possível explicação para a escassez de professores talvez estivesse relacionada com a aposentadoria de aproximadamente 10 docentes da FCI a partir de 2013, que até 2015, não haviam sido substituídos. Assim sendo, à época do estudo percebia-se uma lacuna de docentes do quadro efetivo em tempo integral e talvez fosse interessante um estudo acerca dos processos relacionados à renovação do quadro docente da FCI/UnB tanto para identificar os perfis e formações básicos quanto ao tempo entre saídas e reposições.

Sobre a formação acadêmica, os respondentes a julgaram superficial e generalista, e que necessitaria uma reformulação na grade curricular, a fim de acrescentar matérias de cunho social, tecnológico e técnico, de forma mais evidenciada, mas também gerencial.

Quando questionados sobre suas competências de comunicação e expressão, a maioria respondeu ter: a) boa capacidade de orientar os usuários para um melhor uso dos recursos de informação (11 - 73,3%); b) boa capacidade de comunicação e interação com os usuários da informação (9 - 60%); c) excelente capacidade de comunicação e interação com os colegas de serviço (7 - 46,7%); d) boa capacidade de disseminação da informação independente do suporte (9 - 60%); e) boa capacidade de disseminação de produtos e serviços oferecidos pela biblioteca (6 - 40%).

¹³ NA: OTI: Organização do Trabalho Intelectual. Disciplina oferecida pela FCI como optativa, que tem como ementa a linguagem científica, a produção do trabalho científico, seu histórico e os métodos para a produção de um texto científico.

¹⁴ NA: Informática Documentária. Disciplina obrigatória, oferecida pela FCI, cuja ementa diz que tratará do uso das tecnologias e métodos relacionados com a informática aplicada aos processos documentários. Princípios de análise funcional. Automação de serviços de informação. Automação dos processos de bibliotecas. Tem como pré-requisito a disciplina de Planejamento e Elaboração de Base de Dados e Arquivo Corrente 1.

Percebeu-se que os respondentes tenderam a confiar nas próprias competências de comunicação adquiridas, já que se consideraram, em média, bons.

Com relação à competência em disseminação da informação, a maioria 10 (66,7%) se considerou bom, diferente do trabalho de Faria (2015), em que houve 21 bibliotecários que responderam “não sei” em relação à disseminação da informação.

Na questão acerca das competências técnico-científicas, apesar de 7 (46,7%) respondentes assinalarem que tinham boa capacidade de processar documentos em diversos suportes, vale ressaltar que em algumas respostas na questão aberta, em relação à formação acadêmica, alguns disseram que houve uma concentração de disciplinas que tratavam do livro em suporte tradicional, mas que a informação estaria disponível em vários suportes. Considerando-se os estágios feitos e a constatação da defasagem das disciplinas com essa realidade vivenciada nos órgãos, seria interessante pesquisar se essas capacidades foram adquiridas durante o período de estágio e não na faculdade.

A maioria dos então futuros egressos se autoanalisou como bom para utilizar fontes, produtos e recursos de informação em diferentes suportes (12 – 80%), em administrar as diversas fontes de informação (9 – 60%) e para disseminar fontes, produtos e recursos de informação em diferentes suportes (10 - 66,7%), conforme dados da pesquisa.

Isso indica alguma incoerência pelo fato de eles terem marcado que faltavam disciplinas técnicas, faltava prática e o ensino era defasado, levantando, novamente, a questão da relação ensino x estágio, já que a pesquisa mostrou que na percepção desses alunos era nos estágios que estavam adquirindo conhecimentos mais atuais e utilizando ferramentas mais modernas e não na Universidade. Esses dados remetem a Milanesi (2002) que disse que a Biblioteconomia era, ou poderia ser um curso técnico disfarçado de curso de graduação, e que os alunos pouco ligam para as teorias, se não vão ser aplicadas no dia-a-dia de trabalho – no caso, estágio.

A capacidade de elaboração de produtos de informação foi um item que a maioria dos respondentes assinalou “regular” (7 - 46,7%). Isso provavelmente se deveu ao fato de que este tipo de competência tende a evoluir de acordo com a aquisição de experiência de trabalho. Não obstante, a prática em sala de aula pode fazer com que futuros egressos desenvolvam melhor essa aptidão.

Quanto às competências gerenciais, a maioria dos futuros egressos acreditava que suas capacidades de gerenciar unidades, sistemas e serviços de informação e projetos de gestão da informação eram boas, mas existiu uma proximidade com os que se achavam com menor capacidade (6 - 40%).

Para as capacidades de aplicar técnicas de *marketing*, de gerenciar recursos econômicos, financeiros e humanos e de coordenar a preservação e a conservação documental, a autoavaliação como regular foi predominante. Vale ressaltar que como os respondentes provavelmente não tinham experiência como gerentes de uma unidade de informação, a marcação podia indicar que o aluno conhecia as técnicas, mas não sabia aplicá-las.

Para a capacidade de aplicação de técnicas de *marketing*, um fator que pode ter influenciado o índice regular ser alto é que o curso não oferecia disciplina sobre *marketing* da informação. Este tema era incluído como tópico na disciplina de Serviços de Informação, como mostrava o conteúdo programático:

Programa: [...]
5.0 – FILOSOFIA DA PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS
5.1 – Avaliação de serviços;
5.2– Qualidade e produtividade;
5.3 – [Marketing]¹⁵.

Disciplinas como *marketing* e bibliometria, ainda que possam ser importantes ferramentas na atuação futura, não pareciam ter destaque no curso oferecido pela FCI/UnB, de acordo com os dados da época da pesquisa e confirmados em 2018¹⁶. Por consequência, a aquisição de conhecimentos pela prática viria antes da teoria, como o Respondente 8 explicou que o estágio “[...] mais apoiou a faculdade do que as disciplinas me ajudaram no campo profissional”.

¹⁵ Conteúdo programático da disciplina 182583 - Serviços de Informação, retirado do *site* do Matrícula Web da UnB. Disponível em: <<https://goo.gl/YtXGdL>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

¹⁶ UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. (Org.). **FCI**: Oferta de disciplinas. Período 2018/1. Disponível em: <<https://goo.gl/8267qL>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

Para as capacidades de planejamento e as de gerenciamento de recursos humanos e materiais, parece coerente que os respondentes tenham colocado como regular, pois provavelmente eles não tiveram a experiência real de gerenciar uma biblioteca. Do mesmo modo, o planejamento ou a coordenação da preservação e conservação documental, onde a maioria dos respondentes (7 - 46,7%) indicou a opção regular, como ninguém informou atuar nesse segmento nos estágios, esse resultado foi compatível com o pouco contato com essas atividades.

Por fim, os respondentes indicaram serem bons ou medianos no que tangia à preparação de um estudo de usuários e para gerenciar redes colaborativas de bibliotecas.

Quanto às competências sociais e políticas, a maioria dos então futuros egressos acreditava que suas competências eram boas em todas as capacidades: de formular políticas de informação (7 - 46,7%); de fomentar a interação entre a biblioteca e os diversos tipos de usuários (9 - 60%); de identificar demandas sociais de informação (9 - 60%); de atuar para promover a profissão (9 - 60%); de promover ações de incentivo à leitura (10 - 66,7%); e de desenvolver ações de incentivo à pesquisa científica (7 - 46,7%).

Vale ressaltar as marcações de regular para 6 (40%) respondentes nas capacidades de formular políticas de informação e de desenvolvimento de ações de incentivo à pesquisa científica. Também, notou-se que um respondente assinalou que seria péssimo com relação à capacidade de formular políticas de informação e atuar para promoção da profissão. Como não foi pedida explicação sobre a resposta, não foi possível identificar a causa desse julgamento de incapacidade assinalado pelo estudante.

A partir das respostas dos alunos acerca das próprias competências, pode-se resumir que:

➤ No grupo de competências de comunicação e expressão, o destaque positivo foi a capacidade de orientar os usuários para um melhor uso dos recursos de informação (11 - 73,3%). No geral, não houve ponto negativo neste grupo, o que mostrou que os respondentes se sentiam confiantes nestes quesitos;

➤ No grupo técnico-científico, o destaque positivo foi para a capacidade de utilizar fontes, produtos e recursos de informação em diferentes suportes (12-80%). O destaque negativo foi para a capacidade de elaborar produtos de informação (7 - 46,7%);

➤ No grupo gerencial, o destaque positivo foi a capacidade de gerenciar projetos de gestão da informação (8 - 53,3%). O destaque negativo, porém, foi a capacidade de aplicar técnicas de *marketing*, de liderança e de relações públicas (8 - 53,3%).

➤ No grupo social e político, o ponto positivo foi para a capacidade de promover ações de leitura (10 - 66,7%). O ponto negativo foi a capacidade de formular políticas de informação (6 - 40%).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista as respostas dadas sobre a formação acadêmica, o grupo pesquisado, em relação à grade curricular, não se sente preparado para enfrentar o mercado de trabalho. Porém, no que concerne aos estágios, verificou-se que a experiência adquirida os ajuda a se prepararem.

Entretanto, pelos dados obtidos na parte relacionada com a avaliação das próprias competências, de acordo com a subdivisão proposta por Valentim (2002), adotada por Faria (2015) e nesta pesquisa: competências em comunicação e expressão, técnico científicas, gerencial e social e política, os alunos, em média, para as afirmativas propostas enquadraram-se na opção bom na maioria dos casos, com exceção de: capacidade de formular políticas de informação; capacidade de gerenciar recursos econômicos, financeiros e humanos; capacidade de elaborar produtos de informação.

Com relação aos objetivos da pesquisa, então:

a) levantar as opiniões dos estudantes sobre a grade curricular do curso de Biblioteconomia da UnB: para o grupo pesquisado, a grade do curso não os preparou para o ingresso no mercado de trabalho e estava defasada em relação ao que aprenderam nos estágios. Consideraram que a sua formação se deu muito pelo aprendizado nos estágios, que os fez compreender mais como

funciona uma biblioteca, que proporcionou uma visão ampla de como é a realidade da Biblioteconomia e a postura profissional que se deve adotar. Reconheceram que os professores traziam as novidades da área para a sala de aula. Avaliaram que faltavam disciplinas de todas áreas relacionadas à Biblioteconomia, com ênfase nas áreas social, aplicadas e tecnológicas;

b) levantar as opiniões dos estudantes sobre as próprias competências de comunicação e expressão, técnico-científicas, gerenciais, social e política: no que tange às competências profissionais que serviram de base para a pesquisa, eles se avaliaram como bons nas competências de comunicação e expressão, técnico-científicas, social e políticas e gerenciais. Mas se assinalaram como regulares na elaboração de produtos de informação e nas competências gerenciais em geral, além do planejamento de políticas de conservação e preservação documental. O grupo pesquisado acrescentou, ainda, que o bibliotecário tem que ser proativo e cooperativo, lidar com a informação em diversos meios, fazendo o tratamento e a organização desta informação.

Com relação aos motivos tanto para o ingresso destes estudantes no curso de Biblioteconomia quanto para os que os fizeram permanecer, passam por interesse no mercado de trabalho, por ter o interesse despertado no próprio curso e por gostar da área.

Em resumo, os entrevistados indicaram que a grade curricular é um ponto a ser refletido e está generalista e superficial, além de defasada em relação ao que aprendem nos estágios, apesar de, segundo eles, os professores levarem novidades da área às aulas. Além disso, disseram que o curso é teórico e que as experiências nos estágios são fundamentais para terem contato com o que há de mais moderno no exercício profissional.

O problema de pesquisa que era a percepção dos alunos em relação ao ingresso no mercado segundo suas próprias competências, aponta que eles não se sentem preparados para encarar o mercado de trabalho, se considerada apenas a grade curricular, mas que avaliam positivamente suas competências assim como os conhecimentos adquiridos devido aos estágios realizados.

Finalizando, sugere-se uma discussão mais profunda sobre o aprendizado no curso, dialogando com professores, entidades de classe e alunos, a fim de construir uma grade mais completa e de acordo com as necessidades de mercado, mas não se prendendo totalmente a ele. É pensar além, delineando-se o perfil do bibliotecário para os próximos 20 anos, que se coadune com as demandas sociais, utilizando com competência recursos tecnológicos e demonstrando que com seus conhecimentos, habilidades e atitudes, a sociedade terá melhores respostas para suas necessidades de informação, se mediadas por esses profissionais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, N. B. F. de. **Biblioteconomia no Brasil**: análise dos fatos históricos da criação e desenvolvimento do ensino. 2012. 160 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROFISSIONAIS DA INFORMAÇÃO (São Paulo) (Org.). **Carta Aberta**: Fórum Formação do Profissional da Informação. 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/HustxR>>. Acesso em: 14 nov. 2015.

BAPTISTA, S. G. **Bibliotecário autônomo versus institucionalizado**: carreira, mercado de trabalho e comprometimento organizacional. 1998. 234 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 1998.

BAPTISTA, S. G. Profissional da informação, autônomo ou empresário, novas perspectivas de mercado de trabalho. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 91-98, jan./jun. 2000. Disponível em: <<https://goo.gl/s8Roix>>. Acesso em: 22 set. 2015.

BARBOSA, R. R. Perspectivas profissionais e educacionais em biblioteconomia e ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 1, p. 53-60, jan./abr. 1998. Disponível em: <<https://goo.gl/yXrzYc>>. Acesso em: 14 nov. 2015.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**, 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BARRIENTOS-PARRA, J. **O estatuto da juventude**: instrumento para o desenvolvimento integral do jovem. Disponível em: <<https://goo.gl/KGdu79>>. Acesso em: 08 dez. 2015.

BORGES, M. A. G. O profissional da informação: somatório de formações, competências e habilidades. In: BAPTISTA, S. G.; MUELLER, S. P. M. (Org.). **Profissional da informação: o espaço de trabalho**. Brasília: Thesaurus, 2004. p. 55-69. (Estudos avançados em Ciência da Informação, v. 3).

CASTRO, C. A. Profissional da informação: perfis e atitudes desejadas. **Informação e Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 10, n. 1, 2000. Disponível em: <<https://goo.gl/4eyWjs>>. Acesso em: 19 set. 2015.

_____. História e evolução curricular na área de Biblioteconomia no Brasil. In: VALENTIM, M. L. (Org.). **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002. p. 25-48.

CASTRO FILHO, C. M. *et al.* Os campos de atuação dos profissionais bibliotecários no município de Ribeirão Preto. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 12, 2011. Brasília. **Anais...** Brasília: UnB, 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/CbRjsn>>. Acesso em: 19 set. 2015.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. 296 p.

CUNHA, M. V. da. O papel social do bibliotecário. **Ciência da Informação**, Florianópolis, n. 15, p. 41-46, 2003. Disponível em: <<https://goo.gl/ov5u6v>>. Acesso em: 3 out. 2015.

_____. O profissional da informação e o sistema das profissões: um olhar sobre competências. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 3. n. 2, p. 94-108, ago. 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/fDfRqr>>. Acesso em: 19 set. 2015.

FARIA, A. C. **A inserção do bibliotecário no mercado de trabalho: fatores de influência e competências**. 2015. 133 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

FIALHO, F. et al. **Gestão do conhecimento organizacional**. Florianópolis: UFSC, 2010.

GUEDES, M. Z. A formação profissional do bibliotecário no curso de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal do Paraná. **Educar em revista**, Curitiba, n. 4, p. 159-183, dez. 1985. Disponível em: <<https://goo.gl/jtA99X>>. Acesso em: 14 nov. 2015.

GUIMARÃES, J. A. C. Estudos Curriculares em Biblioteconomia no MERCOSUL: reflexões sobre uma trajetória. In: VALENTIM, M. L. (Org.). **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002.

LE COADIC, Yves-François. As profissões da informação. In: _____. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 1996. p. 106-108.

LEMOS, A. A. B. de. Estado atual do ensino da Biblioteconomia no Brasil e a questão da Ciência da Informação. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 1, n. 1, jan./jun. 1973.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 320 p.

MILANESI, L. A formação do informador. **Informação & Informação**, Londrina, v. 7, n. 1, p. 07-40, jan. /jun. 2002. Disponível em: <<https://goo.gl/88Cb1f>>. Acesso em: 3 set. 2015.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

MIRANDA, S. V. **Identificação de necessidades de informação e sua relação com competências informacionais: o caso da supervisão indireta de instituições financeiras no Brasil**. 2007. 292 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

MUELLER, S. Perfil do bibliotecário, serviços e responsabilidades na área de informação e formação profissional. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 17, n. 1, p. 63-70, jan./jun. 1989.

OLIVEIRA, M.; CARVALHO, G. F.; SOUZA, G. T. Trajetória histórica do ensino da Biblioteconomia no Brasil. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 19, n. 3, p. 13-24, set./dez. 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/uxedNQ>>. Acesso em: 4 set. 2009.

SANTOS, J. P. Reflexões sobre currículo e legislação na área da Biblioteconomia. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 3, n. 6, p. 35-47, jan. 1998. Disponível em: <<https://goo.gl/J2yDbj>>. Acesso em: 05 set. 2015.

SILVA, E. L. da; CUNHA, M. V. da. A formação profissional no século XXI: desafios e dilemas. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 3, p. 77-82, set./dez. 2002. Disponível em: <<https://goo.gl/mF4NJE>>. Acesso em: 04 set. 2015.

SILVEIRA, D. T.; CORDONA, F. P. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SOUZA, F. das C. de. **A construção do bibliotecário brasileiro formado em nível superior**: projeto do ano 2022. Palestra proferida no XXXVII Encontro Nacional de Estudantes de Biblioteconomia e Documentação (ENEED), Brasília, Universidade de Brasília, 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/Ac2dpT>>. Acesso em: 14 nov. 2015.

SPECIAL LIBRARIES ASSOCIATION (SLA). **Competencies**: competencies for information professionals of the 21st Century. Disponível em: <<https://goo.gl/utCbx>>. Acesso em: 3 out. 2015.

TOMAÉL, M. I.; ALVARENGA, G. M. Profissional da informação: seu espaço e atuação em empresas industriais. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 81-90, jan./jun. 2000. Disponível em: <<https://goo.gl/LpSfhW>>. Acesso em: 03 out. 2015.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Biblioteconomia: dados do curso. In: **Matrícula Web**, [S. l.], [2018]. Disponível em: <<https://goo.gl/KyAcqG>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

_____. **FCI**: Oferta de disciplinas. Período 2018/1. Disponível em: <<https://goo.gl/8267qL>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

_____. Oportunidades. In: **UnB**, Brasília, [2018]. Disponível em: <<https://goo.gl/kmu2XB>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim. O moderno profissional da informação: formação e perspectiva profissional. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, Brasil, n. 9, p. 16-28, 2000.

VALENTIM, M. L. P. Formação: competências e habilidades do profissional da informação. In: _____. (Org.). **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002. p. 117-132.

VIEIRA, A. da S. Repensando a biblioteconomia. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 12, n. 2, p. 81-85, jul./dez. 1983. Disponível em: <<https://goo.gl/nDcCo6>>. Acesso em: 04 set. 2015.

VIEIRA, S. **Como elaborar questionários**. São Paulo: Atlas, 2009.

WALTER, M. T. M. T. **Bibliotecários no Brasil**: representações da profissão. 2008. 344 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: <<https://goo.gl/PLpzW2>>. Acesso em: 02 ago. 2015.

_____. A formação do profissional da informação relacionada às tecnologias de informação: os bibliotecários na perspectiva da literatura, reflexões. **Ciência**

da Informação, Florianópolis, n. 19, 2005. Disponível em:
<<https://goo.gl/C6DMhd>>. Acesso em: 04 set. 2015.

PERCEPTIONS OF STUDENTS OF THE BIBLIOTECONOMIC COURSE OF THE BRASILIA UNIVERSITY ON THE CURRICULAR GRADE, COMPETENCES AND THE LABOR MARKET

ABSTRACT

Introduction: The research investigated the perceptions of the students of the Librarianship course of the University of Brasília on the curriculum, skills and labor market. **Objective:** To verify the perception of the potential graduates of the Librarianship course of the University of Brasília-UnB, in the second half of 2015 and in the first semester of 2016, in relation to their own competence to enter the labor market, the current curriculum and also the opinion about the pedagogical practices of teachers. **Methodology:** Descriptive research, which used the mixed approach for the treatment of quantitative and qualitative data, with questionnaire application. **Results:** The group that participates in this research is formed by a majority of women, young people, between the ages of 21 and 25 and the year of admission in 2012. According to these students, there is a lack of subjects in all areas related to Librarianship, with emphasis in the social area, applied and technological. Regarding professional competences, if they evaluated good in those related to communication and expression, to the technical-scientific, to the social and to the political and managerial, but if they perceived themselves as regular in the elaboration of information products and in general management skills and in policy planning conservation and documentary preservation. **Conclusions:** From the answers obtained, it was concluded that, in the view of the students, the curriculum is a point to be reflected and was considered general and superficial, as well as lagged in relation to what they learned in the stages. However, they found that the teachers presented the novelties of the area in class. In addition, for this group, the course was considered theoretical and the experiences in the stages were fundamental to have contact with the most modern in the professional practice.

Descriptors: Librarian. Library Science - Curriculum. University of Brasilia. Professional competence. Professional qualification.

PERCEPCIONES DE LOS ALUMNOS DEL CURSO DE BIBLIOTECONOMÍA DE LA UNIVERSIDAD DE

BRASILIA SOBRE LA ESCALA CURRICULAR, LAS COMPETENCIAS Y EL MERCADO DE TRABAJO.

RESUMEN

Introducción: Investigación de las percepciones de los alumnos del curso de Biblioteconomía de la Universidad de Brasilia sobre la escala curricular, las competencias y el mercado de trabajo. **Objetivo:** Verificar la percepción de los potenciales egresados del curso de Biblioteconomía de la Universidad de Brasilia-UNB, del segundo semestre de 2015 y del primer semestre de 2016, en relación a la propia competencia para ingreso en el mercado de trabajo, a la actualidad de la parrilla curricular y también a la opinión sobre las prácticas pedagógicas de los docentes. **Metodología:** Investigación descriptiva, que utilizó el enfoque mixto para el tratamiento de los datos cuantitativos y cualitativos, con aplicación de cuestionario. **Resultados:** Los participantes de este grupo de investigación está formado por una mayoría de mujeres, jóvenes, con edades comprendidas entre 21 y 25 años y el año de entrada en el año 2012. De acuerdo con estos estudiantes, que carecen de disciplinas de todas las áreas relacionadas a la Biblioteconomía, con énfasis en el área social, aplicada y tecnológica. En cuanto a las competencias profesionales, se evaluaron buenos en aquellas relacionadas a la comunicación y expresión, a las técnico-científicas, a las sociales ya las políticas y gerenciales, pero se percibieron como regulares en la elaboración de productos de información y en las competencias gerenciales en general y en planificación de políticas de conservación y preservación documental. **Conclusiones:** Por las respuestas obtenidas, se concluyó que, en la visión de los discentes, la rejilla curricular es un punto a ser reflejado y fue considerada generalista y superficial, además de desfasada en relación a lo que aprendían en las etapas. Sin embargo, se encontró que los profesores presentaban las novedades del área en las aulas. Además, para este grupo, el curso fue considerado teórico y las experiencias en las etapas eran fundamentales para tener contacto con lo que había de más moderno en el ejercicio profesional.

Descriptores: Bibliotecario. Biblioteconomía - Curriculum. Universidad de Brasilia. Competencia profesional. Cualificación profesional.